

VARIABILIDADE E ADAPTAÇÃO NA SOCIEDADE HUMANA

VARIABILITY AND ADAPTATION IN HUMAN SOCIETY

Josiane MAGALHÃES*
Ricardo Antonio de PAULOS*

RESUMO: O presente trabalho procura analisar como os primeiros cientistas trataram a questão da variabilidade na natureza e procura entender como essa questão é abordada socialmente, sobretudo em casos extremos de dificuldade de socialização, como o autismo.

UNITERMOS: socialização; autismo; variabilidade; adaptação.

ABSTRACT: The present paper tries to analyze how the first scientists dealt with the issue of variability in nature and it tries to understand how this matter is socially taken, mainly in cases of extreme difficulties in socializing as in autism, for instance.

UNITERMOS: socialization; autism; variability; adaptation.

Alguns pressupostos

Os seres humanos são animais e, enquanto animais, são regidos por dois processos distintos: o processo de homogeneização e o

* Socióloga, professora efetiva da Universidade do Estado de Mato Grosso Unemat, doutoranda em Educação pela Unesp/Marília/SP.

** Graduando junto a faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

¹ A esse respeito vide BEE, Helen. *Desenvolvimento Humano*.

processo de diferenciação¹. Se por um lado percebem-se semelhantes aos outros seres humanos, de acordo com suas características corporais, por outro lado diferenciam-se das outras espécies enquanto seres humanos, ao comparar seus corpos com os dos outros animais. São, portanto, processos distintos, mas que convergem para uma mesma finalidade.

Mas esta é a primeira parte desse processo. A racionalidade humana faz com que cada indivíduo se perceba diferente de seus semelhantes, ao mesmo tempo em que a premência da sobrevivência o aproxima deles, a fim de que, nessa união, cada indivíduo possa ter maiores chances de sobreviver. Assim, desde os tempos mais antigos, percebe-se uma “tensão entre indivíduo e sociedade”. Pode-se dizer que esse processo está colocado na dificuldade encontrada pelo indivíduo em harmonizar dois movimentos distintos: um que o leva a perceber-se igual ao seu semelhante, o que desperta sentimentos de solidariedade e conduz ao reconhecimento de direitos iguais, inclusive de viver em condições iguais; um outro sentimento que o leva a perceber-se diferente e fundamenta a construção de sua identidade como ser único, com base também no próprio instinto de sobrevivência quando levado ao limite extremo². Houve sempre uma necessidade humana de diferenciar-se uns dos outros, haja vista suas vontades, seus anseios e suas necessidades serem percebidas como únicas. No entanto, as sociedades humanas estabelecem para seus membros normas e leis que ditam, desde tempos imemoriais, um comportamento “normal” para os indivíduos, a fim de que, nessas sociedades, possam conviver e tais necessidades possam ser “harmonizadas”.

Essas leis e normas implicam, sobretudo, em certos direitos e deveres além de restringirem e censurarem determinados tipos de comportamento ao taxá-los como agressivos, violentos ou sexualmente expositivos. Elas imputam aos indivíduos uma homogeneidade em seus modos de ser e estar na sociedade.

² Em Freud esses dois movimentos interiores são identificados como Eros e Tanatos ou o instinto de vida e o instinto de morte. Vide Freud, S. *O mal-estar na civilização*.

A variabilidade como processo natural

Darwin e Lamarck já notavam numa amostra grande, como no Reino Animal, havia diferenças individuais marcantes e tentaram explicá-las de acordo com suas observações e hipóteses. Darwin obteve maior êxito, segundo a visão atual da Ciência, ao dizer que os indivíduos já nasciam com características físicas potencialmente diferentes e que aquelas que se enquadrassem melhor às exigências ambientais seriam, então, selecionadas.

Com o advento da Genética, a teoria de Darwin foi reforçada, pois pôde comprovar-se que, de fato, as informações genéticas carregadas por progenitores de uma mesma espécie eram naturalmente re-combinadas para seus filhotes.

Apesar de não ser intenção o aprofundamento da questão genética, salienta-se que se deve considerar que, além das diferenças genéticas existentes entre os animais, a sociedade humana tem ainda uma grande carga de influências culturais e comportamentais que variam enormemente de uma sociedade para outra e, até mesmo, de uma família para outra dentro de uma mesma sociedade, com normas e cultura previamente estabelecidas.

A partir desse pressuposto a questão que se coloca é: como se comportam os indivíduos diante das pessoas com deficiências físicas, distúrbios comportamentais, sexuais e/ou psíquicos dentro de uma sociedade cheia de regras e estereótipos? E como esta sociedade se comporta diante desses indivíduos “anormais”?

Um exemplo das reações dos indivíduos diante do outro, que segundo as normas são “anormais”, encontramos nos relatos sobre o trabalho de Alfred C. Kinsey. Este entomologista e grande estudioso das vespas norte-americanas acabou por palestrar sobre o comportamento sexual humano, para o qual empregou o mesmo método científico que utilizava para as vespas, baseando-se somente na observação de uma amostra maior possível. Começou a palestra Phi Beta Kappa (1953), na Universidade de Indiana, com as seguintes palavras:

Ocupei-me com a variação individual como fenômeno biológico durante uns vinte anos de exploração de campo e pesquisa de laboratório. Na avaliação intensa e extensa de milhares de pequenos insetos que vocês provavelmente nunca viram e nos quais provavelmente não estão interessados, tentei obter os dados científicos e quantidade de dados sobre os quais se deve fundamentar o trabalho científico. Durante os dois últimos anos, como resultado de uma convergência de interesses, vi-me confrontado com material sobre variação em certos tipos de comportamento humano”. (KINSEY, 1953 *apud* GORLD, 1990)

Norteados pelos métodos científicos utilizados no trabalho com vespas, Kinsey foi um dos primeiros cientistas a estabelecer uma observação do comportamento humano na busca de sua variabilidade. Observou o comportamento sexual de uma classe específica de humanos que ele classificou como WASP (protestante anglo-saxão branco, sigla em inglês), a maioria dominante nos Estados Unidos e sobre a qual ele tinha dados suficientes para validar o seu estudo. Não foi surpresa que tenha encontrado a mesma variabilidade nos tipos de comportamento humano ao desenvolver sua análise, visto a imensa bagagem genética, cultural e de vivência que cada indivíduo carrega e que é única para cada um, tanto na sua internalização e interpretação dos fatos, como para fundamentar suas ações. Ressalta-se que Kinsey evitou fazer qualquer tipo de julgamento. O mesmo estudioso buscou rejeitar, nas suas observações, qualquer interferência da visão essencialista de Platão, tão usada até os dias de hoje, na qual se estabelecem critérios de julgamento e valor, baseados num conjunto criado de categorias corretas e imutáveis. Esse pensamento antiessencialista de Kinsey fica bem claro na seguinte passagem sobre a sua análise da homossexualidade masculina:

Os homens não apresentam duas categorias distintas, heterossexuais e homossexuais. O mundo não deve ser

dividido em carneiros e bodes. Nem todas as coisas são negras, nem todas as coisas são brancas. É um princípio fundamental da taxonomia o fato de que a natureza raramente lida com categorias distintas. Apenas a mente humana inventa categorias e tenta forçar fatos em nichos separados. O mundo vivo é uma continuidade em todos e cada um de seus aspectos. Quanto mais cedo tomármos conhecimento disso, no tocante ao comportamento sexual humano, mais cedo alcançaremos uma compreensão sólida das realidades da sexualidade. (KINSEY, 1953 *apud* GORLD, 1990)

Não se poderia considerar a visão de Kinsey como liberal, pois não é isso de fato que está em questão. O autor apenas excetuou-se de julgamentos morais pré-estabelecidos e baseou-se única e exclusivamente nas suas observações, que o conduziram a essa conclusão. Seus argumentos foram rejeitados e considerados imorais pela sociedade da época.

Em nosso convívio social, nos deparamos com uma constante utilização de estereótipos e pré-conceitos pela maioria das pessoas em relação a certos indivíduos baseados unicamente na aparência (feio, gordo, aleijado). O grande agravo deste tipo de comportamento é que, além de ser extremamente preconceituoso a ponto de causar constrangimento ao indivíduo em questão, baseia-se também no mais superficial dos critérios: a aparência física. Impede-se ou dificulta-se, com isso, que o indivíduo mal-avaliado na aparência tenha a mesma oportunidade de demonstrar suas qualidades e virtudes que um indivíduo aparentemente “normal”. Essa avaliação também é bem frisada por Kinsey:

Em alguns dos caracteres morfológicos e fisiológicos que são fundamentais no comportamento humano que estou estudando, a variação é de uns bons doze mil por cento. No entanto, as fórmulas sociais e os códigos morais são prescritos como se todos os indivíduos fossem

idênticos; e emitimos julgamentos, damos prêmios e empilhamos castigos, sem levar em consideração as diversas dificuldades envolvidas quando pessoas tão diferentes têm de enfrentar exigências uniformes. (KINSEY, 1953 *apud* GORLD, 1990)

O que se ressalta, então, é que a variabilidade deve ser entendida como um processo natural, pertinente não só à sociedade humana, mas principalmente à ela, e que esta variabilidade é muito mal compreendida e, portanto, julgada, pela mesma sociedade que a contém. A inobservância da importância da variabilidade na constituição dos seres humanos pode ser a causa de diversos problemas de convívio social e encorajadora de muitos comportamentos preconceituosos e desonestos na nossa sociedade.

A sociedade x os “anormais”

Quantas não são as pessoas que se sentem marginalizadas ou preteridas pela sociedade? Uma imensa lista poderia ser escrita em resposta a essa pergunta, entre elas: homossexuais, deficientes físicos, deficientes mentais e até os idosos e os gordos em certo grau, na sociedade atual.

Logo, é necessário levantar uma série de questionamentos sobre o nosso comportamento atual, para que se possa, com base nesses questionamentos, tentar resolver em cada um de nós e, quiçá, estender esta compreensão ao maior número possível de pessoas do nosso convívio.

Tentemos, então, descobrir o que se passa na mente de um autista, um cidadão que tem um distúrbio de concentração e que também não consegue adequar-se ao comportamento titulado como normal pela sociedade, porque, além de outras coisas, é incapaz de perceber subjetividades na fala, nos gestos e nas palavras.

Nos anos setenta retomou-se, com base nos relatos clínicos feitos por Leo Kanner e Hans Asperger nos anos quarenta, os trabalhos que tentavam desvendar o mundo dos autistas. Beate Hermelin, Neil O'Connor e colegas, juntamente com o trabalho desenvolvido por Lorna Wing, conseguiram estabelecer uma tríade consistente de deficiências encontradas nos indivíduos autistas: deterioração da interação social com os outros, da comunicação verbal e não-verbal e das atividades lúdicas e imaginativas.

Oliver Sacks, neurologista, escreve sobre o autismo e interessa-se especialmente pela autobiografia de Temple Grandin, uma autista com a síndrome de Asperger, ou seja, um indivíduo com “altos desempenhos” em determinadas atividades. Interessou-se tanto que a encontrou e conversam com ela longamente. Veja-se essa passagem:

O que é então que se passa entre as pessoas normais e de que você própria se sente excluída? Tem a ver, ela concluiu, com um conhecimento implícito nas conversações e dos códigos sociais, de pressuposições culturais de toda a espécie. Esse conhecimento implícito, que qualquer pessoa normal acumula e produz ao longo da vida com base em experiências e encontros com outros, parecia inexistir em Temple. Na falta dele, ela tinha que “computar” as intenções e estados de espírito dos outros, tentando transformar em algorítmico e explícito o que para nós é automático. Ela própria, conclui, pode nunca ter tido as experiências sociais normais sobre as quais é construída um conhecimento social normal. (SACKS, 1995)

Vê-se, portanto, que Temple tem um distúrbio neural que a impede de captar e entender todo o jogo das conversações e as coisas que são ditas de forma implícita. Pode somente padronizar alguns comportamentos e alterações físicas das pessoas e tentar relacioná-las com algo que ela já tenha presenciado. No entanto, tudo isso tem que ser pensado, analisado, estudado a fundo por ela.

Nota-se, portanto, a dificuldade que Temple tem de se adequar aos padrões da sociedade, simplesmente por não conseguir compreender o abstrato, o subentendido. No caso específico de Temple, ela conseguiu desenvolver-se profissionalmente, até porque o tipo de trabalho que ela realiza, com animais, a entretém de maneira espantosa, o que a faz dizer que o trabalho é a sua vida. Num artigo ela escreve:

Não me encaixo na vida social na minha cidade ou na universidade. Quase todos os meus contatos sociais são com pecuaristas ou gente interessada em autismo. Passo a maioria das minhas noites de sexta e sábado escrevendo artigos e desenhando. Meus interesses são factuais e minhas leituras de lazer consistem majoritariamente em publicações científicas ou sobre gado. Tenho pouco interesse por romances ou complicadas relações interpessoais, porque sou incapaz de lembrar a seqüência de eventos. As descrições detalhadas de novas tecnologias em ficções científicas ou de lugares exóticos são muito interessantes. Minha vida seria horrível se eu não tivesse o desafio da minha carreira. (GRANDIN apud SACKS, 1995).

É interessante notar que apesar de bem-sucedida profissionalmente, algo tão apregoadado e respeitado pela sociedade atual, Temple ainda sofre discriminações e preconceitos por não saber lidar com as questões que se referem ao relacionamento social. Isso tudo aponta novamente para o questionamento desses valores pré-estabelecidos pela sociedade, que se espera sejam seguidos pelos indivíduos dessa sociedade.

Devemos então fazer, ao menos, um autoquestionamento sobre essa situação de valores prestabelecidos e julgamentos. Até que ponto os valores morais e sociais apregoados pela nossa sociedade estão realmente de acordo com nossos julgamentos pessoais, especialmente tratando-se da maneira de avaliar o próximo? Até que

ponto é justo e, de fato, coletivamente correto julgar ou rotular uma pessoa como deficiente físico, autista ou obeso?

Um novo conceito de adaptação

O ser humano está num intenso processo de adaptação ao ambiente em que vive, não da forma descrita por Lamark, em que o animal era capaz de alterar significativamente uma característica corpórea, mas sim em relação à incorporação de conceitos, aprendizagem e experiência de vida, proporcionando, ao indivíduo em questão, meios para comportar-se de maneiras diferentes diante mesma situação.

Se notarmos bem a sociedade atual, veremos que esse novo tipo de adaptação é um fator de extrema importância para o sucesso do indivíduo, podendo-se dar em diferentes campos, como o profissional, o social e até o afetivo. Isso ocorre porque hoje tudo o que é dito, desde a maneira como as pessoas se comportam ou mesmo saber a hora de permanecer em silêncio, é avaliado pelo grupo, por superiores, ou qualquer que seja o tipo de avaliador.

É como se, na maioria das vezes em que convivemos com outros indivíduos, estivéssemos num jogo, em que tudo que é dito e feito vai para um placar de pontuação e os mais avaliados conseguissem obter ou tivesse maior probabilidade de sucesso para algo que esteja em questão, como a popularidade no grupo, uma promoção no trabalho ou ganhar o interesse do alvo afetivo/sexual.

Tendo esclarecido esse conceito, parece até impossível acreditar que Temple tenha conseguido algum tipo de sucesso; porém isso deveu-se à sua grande capacidade e dedicação ao assunto. Temple era capaz de identificar alguns tipos de comportamento humano. Seu relato a esse respeito encontra-se em um artigo seu, comentado por Sacks:

Alguns funcionários de matadouros, ela comenta, desenvolvem rapidamente uma dureza defensiva e passam a matar os animais de uma maneira puramente mecânica:

A pessoa encarregada de matar encara seu trabalho como se estivesse grampeando numa esteira rolante. Não tem qualquer emoção em relação ao seu ato.” Outros, ela mostra “passam a gostar de matar e [...] atormentam os animais de propósito.

Vejo uma correlação muito forte entre a forma com que os animais são tratados e os deficientes. [...] O estado da Geórgia é um ninho de cobras – tratam os deficientes pior que os animais”. Tudo isso deixa Temple apaixonadamente irritada com a reforma da humanidade: quer mudar o tratamento dos deficientes, em especial o dos autistas, assim como o tratamento dispensado ao gado pela indústria da carne. (GRANDIN, 1988 apud SACKS, 1995.)

Nota-se que Temple, por experiência própria, tem a exata noção da discriminação e diferença de tratamento aplicadas aos deficientes na sociedade. Dentro do conceito abordado, podemos estender o termo “deficiente” para todo o indivíduo considerado pela sociedade como “anormal”, porque é muito próximo disso que a sociedade realmente o vê e não está ou não parece querer estar disposta a aceitar as diferenças entre os indivíduos. Ao mesmo tempo, é cada vez mais forte a necessidade de recolocar a idéia de deficiente e passar a entender que os seres humanos, sem exceção, possuem um certo grau de variabilidade que se institui a partir de limites impostos ora pela sua constituição físico/mental ora pelos limites histórico/culturais. Tal pressuposto recoloca a necessidade de inovar os processos de socialização que poderiam permitir aos indivíduos reconhecer-se nesses limites e assim transcendê-los em um movimento por uma sociedade mais justa e igualitária. Essa sociedade estaria aberta e adaptável para aqueles cujos limites precisam ser considerados e respeitados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEE, H; MITCHELL e S.K. *A pessoa em desenvolvimento*. São Paulo: Harbra, 1986.

FREUD, S. *O mal-estar na civilização*.

GORLID, Stephen Jay. *O sorriso do flamingo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

SACKS, Oliver. *Um antropólogo em Marte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

